

# JOBIM E CHICO

## CLASSIFICAM "SABIÁ SOB VAIAS"

"Sabiá" de Antônio Carlos Jobim e Chico Buarque de Holanda foi a música vencedora da parte nacional do Festival Internacional da Canção e agora representará o Brasil na segunda parte do certame, a ser iniciada na próxima quinta-feira.

O resultado foi recebido com vaias demoradas, traduzindo o descontentamento do povo que lotava o Maracanãzinho, pois a música mais cantada e aplaudida havia sido "Pra não dizer que não falei de flores", de Geraldo Vandré e que ficou em segundo lugar. A terceira colocação coube a Danilo Caimi e Edmundo Souto, com "Andança", que mereceu o prêmio especial "Escola Brasileira de Música", instituído pelo Museu da Imagem e do Som.

"Sabiá" mereceu o prêmio de NCR\$ 25 mil; "Pra não dizer que não falei de flores", NCR\$ 7 mil e "Andança", NCR\$ 3 mil.

### AS MÚSICAS

Vinte músicas estavam classificadas para a finalíssima e foram apresentadas na seguinte ordem: Sonho Antigo (Sérgio Bittencourt), com Talguara; Passacalha (Edino Krieger), com o Quarteto 004; Dia da Vitória (Marcos e Paulo Sérgio Valle), com Marcos Valle; Oxalá (Theo), com o autor e o Trio Maralá; Andança (Danilo Caimi e Edmundo Souto), com Beth Carvalho e Golden Boys; Maré Morta (Edu Lôbo e Rul Guerra), com Edu Lôbo; Dança da Rosa (Maranhão), com o Traditional Jazz-Band; Canto do Amor Armado (Sérgio Ricardo), com o autor; Na Boca da Noite (Toquinho e Paulo Vanzolini), Ivete e Canto-Quatro; Caminhante Noturno (Os Mutantes); Sabiá (Tom Jobim e Chico Buarque), Cynara e Cybele; Por causa de um Amor (Capiba), com Claudionor Germano; Pra não dizer que não falei de Flores, (Gerald

do Vandré), com o autor; Mestre Sala (Reginaldo e Ester Bessa), com Tuca; O Sonho (Egberto Gismondi), com Os Três Morais; Plenilúnio (Jonhny Alf), com Bené Alves; Rainha do Sobrado (Eduardo Souto Neto), por Sílvio Caldas; Dois Dias (Dori Caimi e Néelson Mota), com Edvard Conde; América, América (César Roldão Vieira), com o Canto-4 e, finalmente, Festa do Povo (Jota Dângelo), com Jamelão.

### O JÚRI

O júri estava composto por Justino Martins (Machete), Enelda (jornalista), Eli Halfoun (jornalista), Bibi Ferreira, Ari Vasconcelos (crítico musical), Ziraldo (jornalista, pintor e caricaturista), Ricardo Cravo Albin (diretor do Museu da Imagem e do Som), Paulo Mendes Campos (jornalista, poeta e escritor), Carlos Lemos (jornalista), Carioca (maestro), Nilo Scalzo, Alceu Bocchino (maestro) e Isaac Karabtchewski.

- interpretada por Beth Carvalho e The Golden Boys;
- 4.º lugar — PASSACALHA, de Edino Krieger, interpretada pelo Quarteto 4;
  - 5.º lugar — DIA DA VITÓRIA, de Marcos e Paulo Sérgio Valle, interpretada por Marcos Valle;
  - 6.º lugar — CAMINHANTE NOTURNO, dos Mutantes, interpretada pelos autores;
  - 7.º lugar — DANÇA DAS ROSAS, de Maranhão, interpretada pelo Traditional Jazz Band;
  - 8.º lugar — NA BOCA DA NOITE, de Toquinho e Paulo Vanzolini, interpretada por Ivete e Canto 4;
  - 9.º lugar — CANTO DO AMOR ARMADO, de Sérgio Ricardo, interpretada pelo autor;
  - 10.º lugar — DOIS DIAS, de Dori Caimi e Néelson Mota, interpretada por Eduardo Conde.

### MENÇÕES HONROSAS

Prêmio Especial "Escola Brasileira de Música", instituído pelo Museu da Imagem e do Som, para Danilo Caimi;  
Troféu "Carlos Gardel", para a revelação de intérprete masculino, Bené Alves;  
Troféu "André Kostelanetz", para melhor arranjador, para o maestro Rogério Duprat;  
Troféu "Bing Crosby", para a melhor interpretação, para os Mutantes.  
Troféu revelação de melhor intérprete feminina para Mariá.

- 1.º lugar — SABIÁ, de Tom Jobim e Chico Buarque de Holanda, interpretada por Cynara e Cybele;
- 2.º lugar — PRA NÃO DIZER QUE NÃO FALEI DE FLORES, de Geraldo Vandré, interpretada pelo autor;
- 3.º lugar — ANDANÇA, de Danilo Caimi e Edmundo Souto, in-



# O festival da hora feita

EDMUNDO FONSECA

Em termos de musicalidade, a parte nacional do RIC, ontem encerrada, teve saldo positivo, em razão da melioria das obras apresentadas, com os compositores procurando o aprimoramento melódico e harmônico, de modo a projetar numa linguagem universal a temática brasileira. Contudo, restou uma certa melancolia, por não se ouvir este ano, uma "Carolina", que correu mundo e disse aquele recado de poesia, de um tempo que passou e que só ela não viu através da janela da vida. Música em padrões universais. Ao contrário do ano passado, pelo que toca a Chico Buarque de Holanda, o seu canto não saiu fácil, sua alma não fluiu tranqüila — e o mesmo se pode dizer de Tom Jobim, seu parceiro em "Sabrá", melodia que tem um início bonito, com alguns compassos bem concebidos, mas que se transforma aos poucos numa queda para o meramente razoável. A dupla de gênios de nossa música popular, realmente, não esteve bem. Jobim é Jobim; Chico e Chico e acabou-se — juntos, não dá.

O "Sonho Antigo", de Sérgio Bittencourt, procurando conservar-se fiel à nossa tradição de lirismo popular, é um canto ameno, bem levado e certamente teria boa colocação se as premissas do Festival não visassem a uma disputa internacional.

Edino Krieger, uma das mais respeitáveis culturas musicais do Brasil, desceu mais uma vez do erudito para o popular, surgindo com sua "Passacalha", uma passacália bem urdida, com leitura e fraseados igualmente perfeitos. A modinha brasileira surgiu numa dimensão bachiana, onde a fuga e o contraponto preencheram o ambiente. Só que não é música para festivais.

A terceira canção apresentada mexeu com o Maracanzinho. "Dia de Vitória", um tema melódicamente impressionante, tangendo com grande força de mensagem a massa comprimida no ginásio. É um canto de amor-primeiro, que consegue mandar a mensagem de união. A construção de um mundo novo, sem pressupor a revolta — um recado brasileiro ao mundo, pois somos um povo diferente e ninguém poderá afirmar que nossa solução para a liberdade será idêntica à encontrada por outros povos. A música de Marcos Vale atinge — em termos de letra — as raias da premonição.

"Oxalá", de Theo, reproduzindo um esquema de capoeira agra-

do, mas não chegaria jamais a vencer o festival. "Andança", do jovem Danilo Caim, mostrou ser de primeiríssima qualidade — um bom começo para o filho do grande Dorival. Edu Lôbo, cada vez mais enveredando pela senda erudita, transferiu para a atonalidade a sua mensagem; fenômeno inverso ao ocorrido com Edino Krieger, o compositor de "Ponteio" caminha para grandes possibilidades na chamada "música séria". O povo sentiu falta do "outro" Edu, com o qual se identificou mais.

Um misto de "Dixieland & Ragtime" e polquinha brasileira, levaram o compositor Maranhão a mexer (pelo ritmo) com a platéia, mas no fundo, não se trata de música do Brasil. Muito alegre, mas muito distante do que o povo gosta de cantar.

Sérgio Ricardo, sem violão, apresentou o seu "Canto do Amor Armado", com tessitura melódica de pretensões sinfônicas, partindo para o atual, e com uma letra que pretende ser uma mensagem, mas é colocada num plano por demais metafísico. O povo sente, mas o "Canto" não é povo.

"Na Bôca da Noite", música bonita, jeitosinha, enfim, aquela mulher que a gente olha, gosta, mas não fica com ela. "Caminhão Noturno" — um caso à parte: uma pintura moderna, meio sobre o psicodélico, meio tar-tan, com uma orquestração polifônica e uma letra que até agora o povo está tentando recordar, ou melhor, descobrir, porque "Os Mutantes" não conseguiram transmiti-la. Havia barulho, muita "armação" eletrônica. Contudo, não deixa de ser uma experiência interessante e os garotos estão no seu caminho — deixemo-los caminhar, pois.

"Por Causa de um Amor", dessa grande figura humana chamada Capiba, sujeito-povo, alma pura e inocente. Seu samba é nosso, é Brasil, mas infelizmente os festivais em todo mundo são uma espécie de monstros de mil cabeças com estruturação comercial e muito mecanismo. O povo gostou, o povo sente o Capiba, velho de guerra.

A grande mensagem da noite, incontestavelmente: "Pra não dizer que não falei de Flores", desse Geraldo Vandré, que o público vaiou no ano pas-

sado, fazendo uma das maiores injustiças até hoje praticada com um artista. Pois, o senhor Geraldo Vandré, quebrando com com a organização do Festival Internacional da Canção, dispensando orquestrações sofisticadas, entrando humilde no palco, tal como o fizera em São Paulo, parou às 20 mil pessoas que o assistiam. Silêncio total, um violão e o povo magnetizado pelo canto-medido, até estourar entoando o refrão: "Vem vamos embora/Que esperar não é saber/Quem sabe faz a hora/Não espera acontecer".

O povo devolveu a Vandré seu prestígio como artista correto e profissional sincero. O passado já passou. Sua música não foi a primeira classificada (o júri preocupou-se com uma "imagem" internacional), mas, acreditamos que, no íntimo cada jurado levou aquele refrão para casa.

"Mestre Sala" (Tuca), e "Festa do Povo" (Jota Dângelo), deram seu recado, como samba de terreiro, com tamborim e cuica. Jonhny Alf, com sua melódica jazzística, desta vez saiu da roda e o pessoal teve saudades de "Eu e a Brisa", porque o seu "Plenilúnio", apesar de tecnicamente perfeito, foi eclipsado. Outra presença feliz, foi o velho Silvío Caldas, mostrando classe e "aquela" voz. A música, bonita contudo, não daria, como não deu.

Dois bons compositores, dois amigos, Dori Caim e Nelson Motta, saíram com o seu "Dois Dias", muito aquém de "Saveiros" e "Cantador". Finalmente, César Roldão Vieira precursor da Bossa-Nova, naqueles tempos de João Gilberto e do "dim-dim-dom", surgiu ontem com "América, América". de letra inteligente, falando de um rio gigante e de cinzas que voltam... Perdeu pela melodia.

O resultado — e isto é amargo dizer — não contentou a ninguém. Não havia gregos e nem troianos havia, daí a "Vox Populi", manifestando-se na vaia, ontem, "mui leal e heróica", como diria o castiço, aquela vaia-santa, como berraria o Nelson Rodrigues.



# FLASHES

Ao saber da classificação de sua música, o compositor Geraldo Vandré disse o seguinte: "Estou satisfeito com o público e com a minha canção. A maior alegria do artista é quando a pessoa para quem ele fala entende a sua linguagem". Disse ainda que outro cantor poderia interpretar melhor a sua música, mas ele acreditou mais em sua própria interpretação.

Três fatos inéditos aconteceram com a música de Vandré: Foi a primeira composição aplaudida de pé neste Festival; pela primeira vez um artista se apresentou completamente sozinho, acompanhando-se ao violão e foi a única que recebeu aplausos durante a interpretação.

O compositor e crítico Sérgio Bittencourt desafiou o júri pela colocação dada à música de Vandré; classificando seus componentes de debilóides. Para simbolizar o seu protesto pelo que achou "uma maldade a quem fez uma música bonita e honesta", subiu numa cadeira e regeu a orquestra.

A primeira descortesia feita a Vandré foi logo na sua chegada ao estádio. Uma pessoa que estava em sua companhia teve o seu ingresso vetado por ter esquecido a credencial. Como Vandré se negasse a entrar sem que a mesma também o fizesse, foi solicitada a presença do sr. Paulo Tapajós. Um repórter resolveu o problema dando uma entrada que trazia consigo.

Segundo os entendidos em ornitologia, a música Sabiá, de Chico Buarque e Tom, tinha um erro grave: A sabiá fêmea não canta.

A indumentária que Os Mutantes apresentaram desta vez representava Noiva (Rita), Toureiro (Sérgio) e Trovalor Medieval (Arnaldo).

A bossa de colocar um gravador para captar os ruídos de reação do público representava segundo Rita a cibernética como parte da vida.

O apresentador Hilton Gomes (sempre cometendo suas "gaffes" deixou o palco ao final da apresentação das músicas anunciando um intervalo. Pouco depois entrava no palco (os dois cruzaram-se no corredor) ante a total indiferença do público, o compositor Harry Warren, que se sentou ao piano e começou a tocar, sem que ninguém desse maiores atenções. Só mais tarde Hilton voltou, e meio sem jeito fez a apresentação. Imediatamente o público cobriu de aplausos o grande autor americano.

Aliás o público que compareceu sábado ao "Gilberto Cardoso" deu uma grande demonstração de reconhecimento ao valor artístico, seja ele de onde for.

Quando a dupla de compositores americanos, Jay Livistone e Ray Evans subiu ao palco e o segundo iniciou, meio inibido, a uma pequena saudação, misturando o espanhol com o português, ouviram algumas vaias. Quando o público soube de quem se tratava prorrompeu em aplausos e terminou cantando em coro algumas de suas composições.

Elis Regina e Nana Caymi, esta primeira vencedora do FIC, também foram barradas na porta do Maracanãzinho.

Segundo Augusto Marzagão, em 1969 o Rio de Janeiro será o palco de um certame mundial, destinado a escolher as dez músicas mais belas do mundo. Sobre o policial assassinado sábado disse que a direção do Festival vai prestar-lhe uma homenagem, não sabendo precisar quando.

Sérgio Ricardo afirmou ter sido obrigado a interpretar a sua música, "Canção do Amor Armado," devido aos cantores escolhidos por ele (Maria Odete ou Agostinho dos Santos) receberam o veto pela coordenação do Festival, sob alegação de que já estavam comprometidos com outras músicas.